

# O USO DA IMAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA

**VALESCA GIORDANO LITZ**

Licenciada em História (UFPR), Especialista em Atualização Pedagógica (UFRJ),  
Professora de História da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná.

Autora responsável: V.G. Litz  
E-mail: valegiordano@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo principal pensar a relação entre a teoria e a prática do uso da imagem no ensino de História. Procurou-se mostrar a importância de investir na construção da competência do educador, com a finalidade de capacitá-lo para a prática da leitura de imagem de modo mais sistemático e significativo. Entendendo a escola como um espaço dinâmico de apreensão do conhecimento através de diversas formas, buscou-se pensar o uso da imagem no ensino de História como mediação entre esse conhecimento e a melhor forma de aprendê-lo. Utilizou-se para isso a aplicação de oficinas com alunos do Curso de Formação de Docentes e atividades práticas com alunos das séries iniciais de escola pública de Curitiba. Por fim, pretendeu-se indicar como, a partir de pressupostos teóricos, didáticos e práticos, construir metodologias mais eficientes para o trabalho com imagens nas aulas de História.

**Palavras-chaves:** educação; história; imagem; iconografia.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho expressa o resultado da prática pedagógica com o uso da imagem no ensino de História durante o decorrer das atividades realizadas no Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto em Curitiba, como parte integrante do desenvolvimento do projeto PDE-2008, da Secretaria de Educação do Paraná. Para isso, foram desenvolvidas oficinas de aplicação com alunos do 3º ano do Curso de Formação de Docentes e atividades práticas com o uso de imagens com alunos de 2ª, 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental.

A relevância deste trabalho está em compreender a importância que a análise iconográfica tem nas aulas de História, pois possibilita o desenvolvimento de uma

prática metodológica eficiente, mostrando-se ser um instrumento indispensável à compreensão da História.

A palavra **iconografia** vem do grego *eikon* (imagem) e *graphia* (escrita), ou seja, literalmente: "escrita da imagem". (...) Em disciplinas como estudos culturais, história do design, história da arte e sociologia a iconografia pode se referir à imagens ou signos que sejam significativos para determinadas culturas. Essa discussão sobre as imagens como iconografia implica em uma "leitura" crítica dessas imagens na tentativa de explorar valores sócio-culturais. Um estudo iconográfico pode ser feito através da identificação, descrição, classificação e interpretação do tema das representações figurativas.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Iconografia#Iconografia> – acesso em 03.12.2009).

Numa era de informações associadas às imagens, saber interpretar corretamente signos visuais tornou-se uma premissa aos acadêmicos e profissionais do ensino. E por isso mesmo, o estudo associado às imagens se tornou uma ferramenta muito importante que pode ser utilizada pelos professores de História para efetuar seu trabalho tanto em pesquisas como no dia-a-dia em sala de aula. Contudo, antes de utilizar a imagem como uma simples ilustração ou um apêndice de suas aulas, debates ou discussões, o professor precisa compreender a imagem dentro de alguns parâmetros teóricos, pensar nela como parte integrante de um universo visual, compreender o real significado da iconografia em suas diferentes interpretações, para que não caia no erro de utilizar este conhecimento de forma equivocada, apenas descrevendo aquilo que está visível e reforçando o discurso construído ideologicamente.

No transcorrer do desenvolvimento deste trabalho, ficou notório que, saber manipular o uso da imagem visual em História deve ir além de uma simples ilustração das aulas ou para meras discussões. O uso da imagem deve ser significativo, deve ter intencionalidade, é necessário ter qualidade. É preciso, também, se perguntar: o uso que faço desse instrumento, realmente auxilia o meu aluno nesse processo? Ele realmente apreende conteúdo e conhecimento? De que maneira as imagens que passam por nossos olhos nos afetam ou refletem aspectos da sociedade em que vivemos?

Segundo John Berger (crítico de arte, historiador e romancista), o olhar chega antes da palavra, ou seja, os seres humanos, antes de aprender a falar, comunicam-se

pela visão. Assim, olhar é um ato de escolha. A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Com isso, pode-se entender que toda imagem incorpora uma forma de ver.

No processo pedagógico com o uso de imagens deve-se avaliar a importância da influência ideológica que as aplicam, em que o próprio processo de cognição e codificação da História seja o viés pelo qual os alunos, enquanto sujeitos do conhecimento, entendam que também são atores sociais e tomem consciência de seus atos. Portanto, há a necessidade de se refletir sobre a possibilidade de realizar atividades com os alunos em sala de aula, levando-os a entender que outras formas de linguagem, além da tradicional, podem auxiliar a questionar e a desconstruir as formas ideológicas, entendidas aqui como a “legislação, o material didático, conteúdos, pressupostos teóricos dos professores e outros.” (Silva, 1984, p. 16).

Quando se trabalha com a análise de uma imagem, alguns procedimentos são necessários no processo de ensino e aprendizagem, para que não se perca a intencionalidade: usar imagens sempre como forma de aprendizado e conhecimento. Por isso, qualquer imagem precisa ser bem utilizada e bem explorada e, quando necessário, articulada a um texto, passível de ser interpretada, pois, representa uma determinada época. Dessa forma, se constituirá em uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e de conhecimento, a partir da qual o aluno pode perceber diferenças e semelhanças entre épocas, culturas e lugares distintos.

Em métodos que integram as questões pedagógicas e historiográficas, o uso de imagens possibilita a interpretação da História, em determinados períodos ou épocas, com uma riqueza de informações e detalhes.

A utilização de linguagens diferenciadas pode levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, que tenha significado, que lhe dê condições de se posicionar criticamente frente a questões e problemas que a sociedade traz. Enfim, trabalhar os processos iconográficos da História em sala de aula é um caminho fascinante que pode se multiplicar em infinitas formas e possibilidades, sendo uma importante fonte de pesquisa.

## 2 PARÂMETROS E MÉTODOS

Neste processo de ensino e aprendizagem, buscou-se um desenvolvimento e aprofundamento da criticidade, com o objetivo de possibilitar a compreensão de como a História é produzida e veiculada. Notou-se que o estudo dos processos históricos teve uma significação maior do que a mera acumulação de informações, pois, para poder pensar de maneira mais significativa o uso da imagem no ensino de História, faz-se necessário refletir, primeiro, sobre como o aluno constrói seu conhecimento histórico, lembrando que, tal conhecimento e sua apreensão, estarão diretamente ligados à maneira como ele o recebe e o articula, nesse caso, por meio da escola. Adquirir conhecimento histórico implica em se ter domínio do próprio conteúdo histórico bem como na reflexão e análise das formas de como ele foi elaborado, veiculado e preservado até nossos dias.

“O sujeito que conhece, o objetivo do conhecimento e o conhecimento como produto do processo cognitivo” (Adam Schaff 1987, p. 72) aparecem em todas as análises do processo do conhecimento.

No conhecimento histórico, o sujeito e o objeto constituem uma totalidade orgânica, agindo um sobre o outro e vice-versa; a relação cognitiva nunca é passiva, contemplativa, mas ativa por causa do sujeito que conhece; o conhecimento e o comprometimento do historiador estão sempre socialmente condicionados (...). (Adam Schaff 1987, p. 105)

A teoria do conhecimento mostra que a estrutura do conhecimento é fundamentada nas relações. E são justamente as relações que o compõe e as que se pode estabelecer com as informações que se possui que fazem com que determinados conteúdos se transformem em saber e em conhecimento científico.

Conhecer é ter capacidade de estruturar, relacionar, organizar, sistematizar as informações que se tem e perceber como essas relações estruturam a realidade. As atividades de aprendizagem, assim como os objetivos das aulas, não podem se resumir a reproduzir conhecimentos para apenas memorizar e depois repetir. Todo conhecimento deve ser pensado no sentido de sua redescoberta ou redefinição. Para isso, fez-se necessário trabalhar dialeticamente, construindo o conhecimento numa relação entre professor, aluno, objeto e realidade. Nessa relação, o professor

deve ser o mediador entre o educando, o objeto do conhecimento e a realidade, buscando um caminho que leve o aluno a analisar e sintetizar esse objeto, de forma que chegue a um conhecimento mais elaborado, e não fragmentado e baseado apenas no senso comum.

Quanto maior e mais diversificadas forem as experiências, fatos, situações e vivências que o aluno tiver, maiores serão as possibilidades de promover novas relações e uma elaboração mais crítica do saber. Portanto, o confronto, o conflito, a complexidade, fazem parte essencial do processo de construção da aprendizagem.

Um dos principais objetivos da disciplina de História é levar os alunos a conseguirem verbalizar e escrever sobre os conteúdos estudados, utilizando-os para melhor entender ou explicar sua realidade, relacionando o presente com o passado, posicionando-se diante dessa realidade, situando-se diante dela e questionando-a, quando necessário.

Os alunos agregam às suas vidas os valores e explicações passados em sala de aula, por isso, é função também do professor fornecer estímulos ou significados que farão os alunos lembrar ou silenciar quanto aos fatos, eventos históricos, imagens marcantes, processos. Algumas das informações e questões históricas, adquiridas de modo organizado ou fragmentado, são incorporadas significativamente pelo aluno.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 38):

O que se torna significativo e relevante consolida seu aprendizado. O que ele aprende fundamenta a construção e a reconstrução de seus valores e práticas cotidianas e as suas experiências sociais e culturais. O que o sensibiliza molda a sua identidade nas relações mantidas com a família, os amigos, os grupos mais próximos e mais distantes e com a sua geração. O que provoca conflitos e dúvidas estimula-o a distinguir, explicar e dar sentido para o presente, o passado e o futuro, percebendo a vida como suscetível de transformação.

Para a construção do conhecimento em História, é importante dar ênfase no aprendizado de fatos que digam respeito à vida cotidiana: fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ideológicos, sempre procurando estabelecer a relação entre esses diversos aspectos. Lembrar que os fatos são frutos de ações de indivíduos que fizeram escolhas, mais ou menos conscientes, em suas vidas e,

perceber que essas escolhas afetam a coletividade, é elemento chave para que se perceba a questão do sujeito, da responsabilidade dos indivíduos, para que se perceba que não somos somente produtos da sociedade, mas que também a produzimos e que, portanto, somos responsáveis por ela. A construção da sociedade é resultado das ações e decisões humanas e cada um de nós contribui de alguma forma nessa construção.

A relevância de se estudar história deve residir na repercussão dos acontecimentos na própria história, ou seja, quanto esses fatos modificaram as relações sociais posteriores ou contemporâneas a eles, sempre fazendo uma relação passado-presente.

Estudar o passado simplesmente pelo passado, não faz sentido. O aluno precisa despertar para sua capacidade crítica, para uma reflexão sobre as relações humanas e sobre a consequência de suas ações. Naturalmente, que cada época tem sua própria maneira de ver o mundo e que cada grupo social tem seu próprio modo de interpretar a realidade. Estudar os acontecimentos do passado faz com que compreendamos que eles contribuíram de alguma forma para a construção, organização e funcionamento da sociedade.

A educação tem por objetivo formar cidadãos conscientes, o que só será possível com a compreensão crítica da sociedade em que vivem e dos fatores que a produziram. Daí a importância fundamental do estudo crítico da história, sem dúvida um dos elementos essenciais na formação do cidadão capaz de participar conscientemente da transformação da sociedade e do mundo em que vive.

Numa perspectiva dialética, a História deve ser trabalhada por sua relevância, dentro de um contexto histórico, entendendo que os acontecimentos se inter-relacionam no tempo e não estão circunscritos pelo espaço, permitindo que os alunos reflitam sobre os temas e a realidade de forma crítica e autônoma.

Atualmente, o uso de imagens, por exemplo, é uma das formas mais eficazes utilizadas como recurso pedagógico no ensino de História para incrementar o processo de aprendizagem. E são muitos os meios que se apresentam para esta

utilização: vídeodocumentários, cinema, pintura, fotografia, música, mapa, internet, história em quadrinhos, arquitetura, softwares etc.

Embasada nos estudos anteriormente citados, a metodologia utilizada neste trabalho foi o desenvolvimento de oficinas de aplicação do uso de imagens no ensino de História com alunos do 3º ano do Curso de Formação de Docentes, o qual buscou, especificamente na disciplina de Prática de Ensino de História, identificar tendências de uso e abordagem da imagem em sala de aula.

Para as séries iniciais, foram realizadas atividades práticas com o uso de imagens, usando como ferramenta o computador.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante o tempo em que as oficinas foram realizadas, observou-se que os alunos do Curso de Formação de Docentes tinham pouco conhecimento de como se utilizava o recurso didático da iconografia voltado para uma boa aprendizagem em sala de aula. Conversando com eles, muitos afirmaram que utilizam as imagens que estão inseridas nos livros didáticos como meras ilustrações dos textos, discutindo os conteúdos, ignorando muitas vezes o que foi produzido a partir da interpretação iconográfica. Portanto, ainda são poucas as iniciativas em que o uso do objeto iconográfico é estudado como uma unidade em si, como um documento ou uma fonte histórica, reflexo do período em que foi produzido, como uma forma privilegiada para complementar o ensino de História.

A princípio foram realizadas oficinas com o objetivo de instigar os futuros professores a reconhecerem a importância de se trabalhar com imagens nas séries iniciais do ensino fundamental.

Discutiu-se sobre a importância do professor conhecer as características das obras com as quais irá trabalhar, saber sobre os artistas, autores, técnicas utilizadas e o momento histórico em que foram realizadas, sejam filmes, documentários, pinturas, gravuras, charges, esculturas ou histórias em quadrinhos. Como exemplo em uma das oficinas, foram apresentadas no *power point*, através do uso da TV

Pendrive, algumas imagens pintadas por diversos artistas, tanto paranaenses quando de outras regiões e até de outros países, retratando a história do Paraná e de Curitiba.

Como a leitura de imagem de uma obra de arte poderia ajudá-los a ensinar em sala de aula? O uso de pinturas é uma forma bastante rica para compreender outras épocas, pois elas sempre trazem informações sobre determinados aspectos do passado: objetos, pessoas, lugares, condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho, além de determinada visão de mundo e de ideologia.

A maioria dos alunos não as conhecia, mas fizeram muitos progressos quando as analisaram, desde a época de sua confecção até possíveis significados e importância para resgatar a memória paranaense.

No decorrer das oficinas, várias sugestões foram apresentadas aos alunos para que pudessem analisar uma pintura com maior rigor. A primeira experiência foi deixá-los indagar e buscarem respostas por conta própria de como esse processo deveria se realizar. Muitos tiveram preocupação com a imagem em si, não atentando para o contexto histórico de sua realização ou os objetivos que poderiam estar implícitos naquelas obras.

Na medida em que os alunos tiveram contato com as obras e procuraram compreendê-las em seu contexto, mais fácil se tornou lê-las ou abstrair informações que puderam ajudá-los a entender melhor aquele momento histórico.

Depois dessa primeira etapa de análise espontânea, foi apresentado um roteiro que pode ser utilizado para se analisar uma pintura, procurando identificar suas condições de produção, o que pode auxiliar nesse processo de “olhar” uma obra e tirar dela o máximo de informações e interpretações possíveis.

Baseado em CUMMING, Robert. Para entender a arte. São Paulo: Ática, 1995. (adaptado):

**Tema:** todas as pinturas têm um tema específico, cada um com sua mensagem significativa. Com frequência, o tema é fácil de se reconhecer.

**Técnica:** cada pintura deve ser criada fisicamente e a compreensão das técnicas utilizadas, como o emprego da tinta a óleo ou o uso do afresco, aumenta muito nossa apreciação da obra de arte.

**Simbolismo:** muitas obras usam extensamente uma linguagem de simbolismo e alegoria. Os objetos reconhecíveis, mesmo pintados em detalhe, não representam apenas eles mesmos, mas conceitos de significado mais profundo ou mais abstrato. Para entendê-los, é preciso compreender a sociedade, o contexto histórico e o artista que os criaram.

**Estilo Histórico:** cada período histórico desenvolve um estilo próprio, que se pode perceber nas obras de seus artistas principais.

**Interpretação Pessoal:** qualquer pessoa que embarque na viagem de exploração dos significados das pinturas logo ficará confusa com a quantidade dos pontos de vista apresentados. Uma orientação simples é: se você vê alguma coisa sozinho, acredite nela – não importa o que digam. Se você não consegue ver, não acredite. Cada pessoa tem o direito de levar para uma obra de arte o que quiser levar através de sua visão e de sua experiência, e guardar o que decidir guardar, no nível pessoal. O conhecimento da História e das habilidades técnicas deve ampliar essa experiência pessoal.

Outros questionamentos que foram abordados:

- 1) Procedência: Por quem foi elaborado? Onde? Quando? Como foi sua conservação? Existe alguma inscrição em seu corpo?
- 2) Finalidade: Qual seu objetivo? Por que e/ou para quem foi feito? Qual sua importância para a sociedade que o fez? Em que contexto foi feito? Com quais finalidades? Onde se encontra o objeto atualmente?
- 3) Tema: Possui título? Existem pessoas retratadas? Quem são? Como se vestem? Como se portam? Percebe-se hierarquia na representação? Que objetos são retratados? Como aparecem? Que tipo de paisagem aparece? Qual é o tempo retratado? Há indícios de tempo histórico na representação?

É possível identificar práticas sociais no objeto iconográfico retratado? Percebe-se relação/aproximação com a realidade da sociedade ou período retratados?

Quando os alunos voltaram às imagens, o trabalho teve outro andamento. Eles começaram a observar elementos que até então passavam despercebidas. Naturalmente que nem todos os quesitos acima foram contemplados, mesmo por que era uma primeira experiência mais detalhada sobre a análise de imagens.

Assim, foi mostrado a eles que, quando somos colocados frente a um material iconográfico, precisamos refletir: um ícone possui ideias, foi produzido por alguém, com determinado objetivo e que isso pode estar claro, ou não, quando vemos uma imagem. Portanto, é preciso que se busquem pistas no contexto social, político e ideológico da época em questão, para que possamos questionar e entender as ideias veiculadas pelo seu autor. Desta forma o professor daria melhores possibilidades de entendimento acerca da imagem analisada, fazendo com que o aluno compreendesse o processo de construção da mesma.

Outro ponto importante quando se analisa uma imagem é colocar objetivos nesse trabalho. Para isso, são necessários alguns questionamentos:

- a) que ideia de História quero passar ao meu público alvo? (no caso, os alunos das séries iniciais);
- b) que relações meus alunos poderão estabelecer com seu contexto histórico-social?
- c) que relações posso estabelecer entre a imagem analisada e a produção de um texto?

Quando se analisa um objeto iconográfico, é importante tentar inverter a lógica tradicional da linearidade histórica: partir sempre do presente, associando o que está sendo estudado com questões atuais associadas ao nosso cotidiano e contexto para, então, estabelecer relações e conexões com outras temporalidades. Com isso, se estará dando um sentido mais concreto ao estudo do passado, sempre associando-o ao presente e aos reflexos que o mesmo tem na sociedade

contemporânea. Ao final da análise e da discussão, é importante que os alunos produzam um texto, relacionando a imagem com o período retratado e com o tempo presente.

No encerramento da oficina, os alunos foram avaliados através da produção, em grupos, de uma atividade com o uso de imagens, definindo a série, o conteúdo, a estratégia e um roteiro de como desenvolvê-la, demonstrando como pode ser significativa para o processo de aprendizagem.

Foi importante, também, trabalhar com os alunos a ideia de que nenhum documento é neutro. Assim como qualquer objeto elaborado historicamente pelo homem, em sociedade, o documento iconográfico não pode ser concebido como a História em si ou uma expressão absoluta da verdade ou de uma época ou sociedade, muito menos o retrato fiel da realidade. Tal qual o documento escrito, ele foi feito e/ou concebido por alguém, em determinado contexto, com determinada ideologia, em determinado tempo e espaço. A noção de verdade única é questionada pelos historiadores, haja vista que um mesmo fato pode ser interpretado de várias maneiras a partir de pontos de vista diferenciados, pois "(...) o objeto criado é portador de conteúdo social e histórico e como objeto concreto é uma nova realidade social". (PEIXOTO, 2003, p.39).

O trabalho com imagens deve possibilitar discussões sobre as condições de produção daquela imagem, ou seja, o contexto social, temporal e espacial em que foi produzida. Assim podem-se perceber seus significados, tanto para a época e sociedade em que foi produzida como para outras sociedades, em outros períodos e contextos históricos. Segundo Peter Burke, as imagens não devem ser consideradas simples reflexos de suas épocas e lugares, mas sim extensões dos contextos sociais em que elas foram produzidas e, como tal, devem ser submetidas a uma minuciosa análise, principalmente de seus conteúdos subjetivos. Portanto, é preciso que se obtenha o máximo possível de informações sobre qualquer objeto iconográfico produzido, é preciso interrogá-lo, realizar uma leitura crítica, perceber quais são as intenções contidas no mesmo: como e quando foi produzido, sua finalidade, seus significados e valores para a sociedade que o produziu.

No que diz respeito aos alunos das séries iniciais, a definição dos objetivos a serem desenvolvidos é essencial, pois deles depende a organização primária das imagens a serem trabalhadas em sala de aula como suporte didático. Por isso, os critérios que devem ser utilizados para selecionar as imagens e como realizar a sua leitura junto aos alunos, é de fundamental importância, pois será necessário pensar na faixa etária e no nível de compreensão, das informações e da maturidade dos alunos. Portanto, cabe ao professor orientar e promover uma compreensão ampliada e aprofundada, na leitura de imagens em diferentes níveis de escolarização.

No trabalho realizado com as séries iniciais, na mesma Instituição de Ensino, as atividades foram todas práticas, utilizando-se as aulas de Informática Educativa e o computador como ferramenta. Um dos principais objetivos da disciplina de História é levar os alunos a conseguirem verbalizar e escrever sobre os conteúdos estudados, utilizando-os para melhor entender ou explicar sua realidade, relacionando o presente com o passado, posicionando-se diante dessa realidade, situando-se diante dela e questionando-a, quando necessário.

Nas segundas séries, os alunos analisaram, no computador, uma imagem cujo tema era Solidariedade, buscando compreender seu significado. Era uma imagem de simples compreensão, com uma mensagem muito direta, respeitando a faixa etária das crianças: 7 e 8 anos de idade. Depois de compreendida e analisada em detalhes, foi discutida a ideia do que está ao alcance de cada um para poder fazer a sua parte na sociedade. Para encerrar a atividade, produziram um texto coletivo sobre o assunto. A iniciativa e a vontade dos alunos foram marcantes na realização da atividade com imagem, pois logo perceberam que analisá-la e descobrir seus valores e significados não é tão complicado assim.

As terceiras séries assistiram um vídeo do Chico Bento, da autoria de Maurício de Souza: Na roça é diferente. O tema era meio urbano e meio rural. Antes da apresentação do vídeo, leram um texto sobre o assunto no computador. Depois, através do filme, os alunos puderam perceber mais claramente as diferenças entre os dois ambientes e suas características mais marcantes, desde o modo de falar dos personagens, até suas vestimentas, alimentação e cuidados com o ambiente em que vivem. Após a exibição do filme, houve uma análise do mesmo através de um

debate e o encerramento da atividade com a sistematização do conteúdo, através de perguntas e respostas. O uso de vídeo despertou nos alunos um interesse maior pela aula apresentada.

As quartas séries analisaram uma tirinha de Maurício de Souza, de fácil compreensão, cujo tema era desmatamento e meio ambiente. Houve a discussão com os alunos do que aquela imagem representava e a produção de um texto, em duplas, sobre a responsabilidade do ser humano e da sociedade como um todo, na preservação do meio ambiente e da natureza. Na faixa etária da quarta série – em torno de 10 anos – pode-se apresentar diretamente a imagem sem a necessidade de um texto prévio, e, a partir dessa imagem, solicitar a escrita de um texto mais elaborado.

Assim, foram priorizados os trabalhos com fontes orais e iconográficas e, a partir delas, desenvolvidas atividades com linguagem escrita, pois, para as séries iniciais, “é necessário desenvolver trabalhos específicos de levantamento e organização de informações, leitura e formas de registros.” (PCN, volume 05, p. 49).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o desenvolvimento desse trabalho, percebeu-se que o uso da análise iconográfica com os recursos utilizados - filme, pintura, charge e fotografia - como forma de levar o aluno a aprimorar e desenvolver seu conhecimento, foi uma tarefa possível e muito eficaz, como nos indica Le Goff (1993), quando afirma que a História, para ser escrita, se vale de uma série de fontes que incluem desde documentos oficiais, até notícias na imprensa; da história oral, até o uso de imagens; de artefatos pré-históricos até as mídias mais avançadas da atualidade.

A História Nova nasceu em grande parte de uma revolta contra a historiografia positivista do século XIX, tal como havia sido definida por algumas obras metodológicas por volta de 1900 (...); ampliou-se o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlóis e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais”. (LE GOFF, 1993, p.28).

Sendo assim, Le Goff nos mostra, que se inúmeras fontes são usadas pelo historiador para escrever a História, essas mesmas fontes podem ser utilizadas para obter informações e, por intermédio delas, compreender um determinado contexto histórico, tornando-se, desta maneira, um importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem, servindo como forma de assimilação histórica por meio da análise das mesmas.

Trazer novas abordagens e recursos para a sala de aula é uma alternativa para motivar os alunos a se interessarem pelo ensino de forma geral. Segundo Paranhos:

Parcelas expressivas de profissionais, instigados pela necessidade de produzir novas pontes de comunicação com os alunos, passam a refletir criticamente sobre suas práticas educativas. Mais do que isso, como que tateando outros caminhos, tentam incorporar ao arsenal de recursos utilizados em classe outras linguagens para além das habituais. (PARANHOS, 1996, p.8).

Nota-se, então, a necessidade de se buscar uma metodologia de ensino e aprendizagem voltada para a formação do sujeito crítico onde os alunos transformem-se de meros sujeitos passivos do conhecimento a sujeitos ativos.

Historicamente, sabe-se que há poucos registros de referências sobre a utilização de imagens. Segundo Circe Maria Fernandes Bittencourt:

Para o ensino de História não existem muitas referências sobre o uso de imagens, apesar da ampla produção, a partir dos anos 50 e 60, de psicólogos, sociólogos e especialistas em semiologia ou teorias de comunicação, os quais tinham como principal preocupação o rádio, o cinema e a televisão na configuração de uma cultura de massa. Na trilha desses pesquisadores, historiadores vêm-se dedicando ao estudo da iconografia, incluindo análise das denominadas "imagens tecnológicas". (2005, p. 361)

O uso de imagens precisa ser melhor entendido e aproveitado e não ser visto apenas como figuras ou desenhos com função meramente ilustrativa, mas sim como fonte privilegiada para a disciplina. Segundo Paiva:

A iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas (...). São registros com os quais os historiadores e os professores de História devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas. (PAIVA, 2006, p. 17)

Paiva refere-se à capacidade profissional que o historiador tem demonstrado em relação à iconografia, que deixa de ser vista apenas como ilustração para distrair o aluno e passa a ganhar novo significado e a ser utilizada como fonte histórica de pesquisa. Para isso é necessário que os professores que irão trabalhar com essas fontes saibam compreendê-las e relacioná-las ao conteúdo desenvolvido. A leitura de imagem, pode, assim, oferecer caminhos para a pluralidade de ideias e ideologias coexistirem em um mesmo ambiente administrado pelo professor.

É importante que o trabalho iconográfico seja incorporado ao cotidiano da sala de aula desde as séries iniciais, mas não apenas como as imagens se apresentam no livro didático trabalhado por eles. É preciso que os professores aprendam – e aí fica notório, também, a importância que tem os professores dos cursos de formação de docentes aprenderem a trabalhar com imagens durante sua formação – a projetar suas aulas utilizando esse recurso, sabendo compreender o contexto de produção da imagem, identificando seus objetivos e quais elementos a compõem.

Acredita-se que essas ideias e práticas ainda possam chegar às salas de aula do ensino fundamental e médio com mais assiduidade e valorização, possibilitando novas formas de se compreender a História.

## 5 REFERÊNCIAS

- BARROS, Ricardo. *O uso da imagem nas aulas de história*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo.
- BENCINI, Roberta. *Filme na aula de história: diversão ou hora de aprender?* Revista Nova Escola. Ano XX, n. 182, mai. 2005, p. 46-51.
- BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo; Cortez Editora, 2005.
- BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ / Fapesp /Cortez, 2002.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Florianópolis: Edusc, 2004.
- CUMMING, Robert. *Para entender a arte*. São Paulo: Ática, 1995.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo; Editora UNESP: Editora Boitempo, 1997.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.87.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo; Editora da Unicamp, 1993.
- LEITE, Saray Ayesta. *A criatividade na sala de aula: o ensino de História e os recursos da indústria cultural*. Cadernos de História. Uberlândia, jan. 97/dez. 98.
- MORAN, José Manuel. Artigo publicado na revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995
- PAIVA, Eduardo França. *História & imagens – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006*.
- Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação - 5ª a 8ª séries. 1998. <http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pcn5a8.asp> - acesso em 17.07.2008
- PARANHOS, Adalberto. *Saber e prazer: a música como recurso didático-pedagógico*. In FRANCO, Aléxia Pádua (org.). Álbum musical para o ensino de história e geografia no 1º grau. Uberlândia. Escola de Educação Básica/ Universidade Federal de Uberlândia, 1996.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo; Martins Fontes, 1987.
- SILVA, Marco Antonio da. *Repensando a História*. São Paulo; Marco Zero, 1984.
- ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro; Contraponto, 1996.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iconografia#Iconografia> – acesso em 03 dez. 2009.